

BRUNA FLORES BAYER

Sonhei que eu morri!

Reflexões sobre morte, sonhos e resistência nas Rodas de Sonhos com adolescentes que cumprem medida socioeducativa de privação de liberdade

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicanálise do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Roselene Ricachenevsky Gurski

PORTO ALEGRE

2022

Nome: Bruna Flores Bayer.

Título: *Sonhei que eu morri!* Reflexões sobre morte, sonhos e resistência nas Rodas de Sonhos com adolescentes que cumprem medida socioeducativa de privação de liberdade

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicanálise do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 03/02/2022.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Carlos Henrique Kessler

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Profa. Dra. Libéria Rodrigues Neves

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Profa. Dra. Luciana Gageiro Coutinho

Universidade Federal Fluminense – UFF

Profa. Dra. Miriam Debiuex Rosa

Universidade de São Paulo – USP

Profa. Dra. Roselene Ricachenevsky Gurski (Orientadora)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

AGRADECIMENTOS

O momento de agradecer tem um valor imensurável para mim. É o momento de reconhecer o quanto uma escrita não se constrói sozinha. O apoio, o cuidado e o afeto dos nossos faz toda a diferença em meio à produção da escrita acadêmica que, por vezes, é tão solitária.

Agradeço aos meus pais, Ana Lúcia e Luiz Carlos, por me permitirem alçar meus voos a partir dos meus desejos e por me oferecerem todo afeto que existe no mundo. Vocês que sempre disseram que eu sou uma grande sonhadora, são responsáveis por este sonho se tornar factível. Pai e mãe, vocês são a base sólida que me oferece sustentação durante os meus percursos. Amo vocês!

Mãe, obrigada por me ensinar a olhar para as questões da desigualdade social de forma ética e responsável.

Pai, obrigada por ser exemplo de simplicidade e coragem. Por sempre ter o melhor abraço do mundo quando eu preciso.

Agradeço à minha orientadora, Rose Gurski, que de forma afetuosa me acolheu no Grupo de Pesquisa e permitiu que sonhássemos juntas esta pesquisa. Agradeço pela escuta atenta e pelos momentos de orientação que sustentaram a criação desta escrita. Obrigada por me acompanhar pela dimensão do desejo e do sonho me ajudando a sustentar uma pesquisa que preza a ética psicanalítica, mesmo que em meio às políticas de morte que imperam em nosso tempo. Obrigada por me ensinar um novo modo de resistência: a escuta dos sonhos. Te admiro muito.

Agradeço à minha avó Ana Maria, que me transmitiu o gosto pela leitura e pelos estudos, ela que foi peça fundamental na minha construção enquanto sujeito. Te amo.

Agradeço ao meu amor, Antônio, pela compreensão com amor e paciência. Teu apoio e cuidado foram extremamente importantes durante a minha caminhada. Obrigada pelo olhar afetuoso e atento que sempre me encoraja a ir além. Te amo.

Agradeço ao meu irmão Henrique e aos meus amigos Daphne, Karen, Ylana, Marina, Eduarda, Marília, Renata, Gabriela e Beto que me proporcionaram momentos de descontração, risadas e acolhimento. Obrigada pela compreensão durante o período em que eu estive ausente para que essa escrita fosse possível, vocês são muito especiais.

Agradeço à minha analista, por estar comigo durante essa caminhada e me mostrar delicadamente a minha potência.

Agradeço às bolsistas, Maria Gabriela e Rafaela, que me acompanharam durante as Rodas de Sonhos e no tempo *a posteriori* da intervenção, com momentos de estudos, escritas e muitas trocas afetivas.

Agradeço ao Grupo de Pesquisa pelas belas discussões e ricas construções acadêmicas, me senti acompanhada por cada um de vocês. Em especial, à Dieine Oliveira, que sonhou esse percurso comigo e afetivamente se fez presente nos meus dias, se tornando uma amiga muito especial.

Agradeço às professoras Miriam Debieux Rosa, Luciana Gageiro Coutinho, Libéria Neves e ao professor Carlos Henrique Kessler por acolherem nosso convite de compor a banca de defesa desta dissertação.

Por fim, agradeço aos adolescentes que participaram das Rodas de Sonhos por compartilharem conosco aquilo que temos de mais íntimo: os sonhos. Esses jovens que nos fazem renovar a aposta de que é possível sonhar e resistir frente às tiranias das políticas de morte.

*“E a novidade que seria um sonho
O milagre risonho da sereia
Virava um pesadelo tão medonho
Ali naquela praia, ali na areia*

*A novidade era a guerra
Entre o feliz poeta e o esfomeado
Estraçalhando uma sereia bonita
Despedaçando o sonho pra cada lado, oh-oh*

*Ah, mundo tão desigual
Tudo é tão desigual”*

(Música *Novidade* de Caetano Veloso)

“Bandido não tem tempo pra sonhar, dona”

(João, 15 anos, participante das Rodas de Sonhos)

SUMÁRIO

1. SONHOS, ADOLESCÊNCIA E A DIMENSÃO SOCIOPOLÍTICA DO SOFRIMENTO: CONSTRUÇÃO DE UM PROBLEMA DE PESQUISA.....	7
2. NOTAS SOBRE A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DAS RODAS DE SONHOS: A ESCUTA DE SONHOS EM MEIO ÀS GRADES.....	14
2.1 <i>As Rodas de Sonhos como dispositivo de pesquisa.....</i>	<i>17</i>
2.2 <i>O pesquisador-psicanalista em meio ao tecido onírico</i>	<i>21</i>
2.3 <i>Os sonhos importam: a narrativa onírica como um modo de interpelação.....</i>	<i>26</i>
2.4 <i>Comentários sobre os diários de experiência e as narrativas oníricas.....</i>	<i>31</i>
3. DO ADORMECER AO DESPERTAR ONÍRICO: CONTRIBUIÇÕES ACERCA DO TRABALHO DOS SONHOS NO CONTEXTO DA SOCIOEDUCAÇÃO.....	38
3.1 <i>O despertar como modo de continuar sonhando.....</i>	<i>45</i>
3.2 <i>O (com)partilhamento dos sonhos: efeitos clínicos-políticos.....</i>	<i>53</i>
3.3 <i>O trabalho coletivo com os sonhos individuais: interlocuções entre a Psicanálise e a política.....</i>	<i>57</i>
4. PARA VIVER, PRECISA MORRER: RESSONÂNCIAS ONÍRICAS SOBRE A GUERRA.....	63
4.1 <i>Sonhos de morte como manifestação do sofrimento sociopolítico: da guerra à narrativa onírica</i>	<i>68</i>
5. ADOLESCÊNCIA E SONHO: É POSSÍVEL SONHAR NA SOCIOEDUCAÇÃO?.....	79
5.1 <i>Operação psíquica da adolescência e o despertar da sexualidade: algumas considerações.....</i>	<i>84</i>
5.2 <i>Quem são os adolescentes da Socioeducação?</i>	<i>87</i>
5.3 <i>Reflexões acerca do lugar no laço social dos jovens da Socioeducação: afinal, quem sonha</i>	<i>91</i>
5.4 <i>Por uma política dos sonhos na Socioeducação: o porvir dos sonhos</i>	<i>103</i>
REFERÊNCIAS	108

RESUMO

Bayer, B.F (2022). *Sonhei que eu morri! Reflexões sobre morte, sonhos e resistência nas Rodas de Sonhos com adolescentes que cumprem medida socioeducativa de privação de liberdade*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir da primeira experiência com as Rodas de Sonhos, um dispositivo clínico-político, construído em meio aos trabalhos de pesquisa –intervenção do NUPPEC – Eixo 3. As Rodas foram realizadas com jovens em situação de cumprimento de medida socioeducativa de privação de liberdade na Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul (FASE/RS). Diante dos encontros com os adolescentes, adensamos metodologicamente este dispositivo e, tecemos a presente pesquisa sublinhando a dimensão sociopolítica do sofrimento presente nos sonhos escutados: sonhos com a temática da morte, onde o matar e morrer são o pano de fundo das cenas oníricas. Destacamos a temática da guerra e morte presente nas narrativas oníricas em enlace com o desejo de morte que a sociedade brasileira parece dirigir aos corpos destes jovens negros e periféricos. Explicitamos o complexo contexto da juventude brasileira em situação de vulnerabilidade social, sustentado pela lógica dos discursos capitalistas e neoliberais. Nesse sentido, pensamos o dispositivo da Roda de Sonhos como um modo de resistência frente aos discursos mortíferos dirigidos a estes jovens.

Palavras-chave: Sonhos; adolescência; políticas de morte.

ABSTRACT

Bayer, B.F (2022). I dreamed I died! Reflections on death, dreams and resistance in Wheels of Dreams (Rodas de Sonhos) with adolescents who are serving a socio-educational measure of deprivation of liberty. Masters Dissertation, Institute of Psychology, Federal University of Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

This research was developed from the first experience with Wheels of Dreams, a clinical-political device, built in the midst of research work — NUPPEC Axis 3. The Wheels were held with young people in a situation of enforcement with a socio-educational measure of deprivation of liberty at Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul (FASE/RS). Faced with the encounters with adolescents, we methodologically thicken this device and produced this research to accentuate the sociopolitical dimension of suffering present in the dreams heard: with the theme of death, where killing and dying are the background of the dreamlike scenes. We highlight the theme of war and death, that was presented in the dream narratives, a link with the death wish that Brazilian society seems to direct to black and peripheral young people. We explain the complex context of Brazilian youth in a situation of social vulnerability, supported by the logic of capitalist and neoliberal discourses. In this sense, we think of the Wheels of Dreams device as a way of resisting the deadly speeches addressed to these young people.

Key words: Dreams; youth; death policies.

1. SONHOS, ADOLESCÊNCIA E A DIMENSÃO SOCIOPOLÍTICA DO SOFRIMENTO: DELINEAMENTO DE UM PROBLEMA DE PESQUISA

Através desta dissertação de mestrado trabalhamos algumas questões com as quais temos nos deparado no Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC/UFRGS)¹, mais especificamente no Eixo 3², dedicado ao estudo de questões da adolescência em situação de violência e vulnerabilidade. Após diferentes formatos de Rodas com adolescentes acautelados, iniciamos uma pesquisa-intervenção no formato de Rodas de Sonhos com jovens que cumprem medidas socioeducativas de privação de liberdade³ na Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul (FASE/RS).

Uma parte das inquietações que deram origem a este trabalho se construíram a partir da minha trajetória profissional, que, desde os estágios, circundam a Psicanálise, a adolescência e a saúde pública. Esse percurso iniciou na clínica privada e esteve inserido na Política de Saúde Mental, quando trabalhei diretamente em um Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência (CAPSi). O trabalho no CAPSi me despertou muitas reflexões acerca da adolescência e das condições de vulnerabilidade social presentes no cotidiano desses jovens. Dessa experiência surgiram algumas inquietações, tais como: de que forma é possível ofertar um espaço de não estigmatização para jovens que utilizam o serviço de Saúde Mental? Há espaço de fala para esses adolescentes nos Serviços? E na sociedade?

A busca de uma orientação que pudesse ajudar a construir esta pesquisa com questões relativas à adolescência em tais condições me levou ao trabalho do NUPPEC e à orientação da Professora Rose Gurski.

¹ O Núcleo é uma ação conjunta de docentes do Programa de Pós-graduação em Psicanálise: clínica e cultura e do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação, ambos PPGs da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Participam do Núcleo professores, pesquisadores e bolsistas. Para mais informações, ver: www.ufrgs.br/nuppec e www.facebook.com/nuppec.

² O Eixo 3 se dedica aos estudos da Psicanálise, Educação, Intervenções Sociopolíticas e Teoria Crítica. Investigamos a adolescência contemporânea em articulação com as problematizações do laço social.

³ As Rodas de Sonhos aconteceram em duas unidades de internação, sendo elas, a Internação Provisória (IP) e a Internação Sem Possibilidade de Atividade Externa (ISPAE).

Nesse sentido, ao iniciar o trajeto de mestrado, ingressei no projeto *Rodas de Sonhos com adolescentes em vulnerabilidade social* (Gurski & Perrone, 2019a), que estava recém iniciando no Grupo, e passei a coordenar as ações de extensão da primeira edição das Rodas de Sonhos junto a duas bolsistas de extensão e iniciação científica⁴, no período de outubro de 2019 a janeiro de 2020. As Rodas de Sonhos aconteceram na casa Padre Cacique da FASE/RS com os jovens da Internação Provisória (IP) e da Internação Sem Possibilidade de Atividade Externa (ISPAE). Importa lembrar que a intenção inicial para a construção dessa dissertação era realizar três edições das Rodas de Sonhos, o que não foi possível devido às condições impostas pela pandemia do COVID-19.

Foi curioso que o tema dos sonhos inicialmente me pareceu novo e muito interessante, mas, ao longo ano de 2021, compreendi que se tratava de um reencontro. Em função da minha longa trajetória no CAPSi, recebi um convite para um evento nomeado: *Há espaço para o onírico hoje? Reflexões psicanalíticas e a construção do sonhar em diferentes contextos*⁵, a intenção do convite era que eu pudesse contar como o onírico surgia na narrativa dos adolescentes que frequentavam o Serviço de Saúde Mental. O interessante foi que a colega que me convidou não tinha conhecimento da presente pesquisa.

O convite me levou a retomar cadernos antigos onde eu fazia uma espécie de diário de experiência⁶ com frases soltas, listas de tarefas, pautas de reuniões e escritas em associação livre. Eu exercia a função de coordenação no CAPSi, portanto, não havia grupos que eu coordenasse semanalmente. Nesse retorno às minhas anotações, me surpreendi com uma escrita na qual conto minha participação em um grupo com adolescentes. Se tratava de um grupo de conversas com adolescentes entre 14 e 17 anos, a proposta era que a cada semana um dos participantes se responsabilizasse em levar uma produção cultural (música, filme, documentário, produção artística, entre outros) para dividir com o grupo.

⁴ Maria Gabriela Adams, graduanda do IP UFRGS e bolsista de Iniciação Científica do CNPq e Rafaela Brodacz de Vasconcellos, graduanda do Curso de Psicologia da UFCSPA e bolsista voluntária de Iniciação Científica.

⁵ Evento realizado pela Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul (SPRGS), organizado pelo Comitê de Psicanálise, que ocorreu no dia 07/07/2021.

⁶ Mais adiante, no Capítulo 2, trabalharei com a noção de diário de experiência (Zachello; Paul & Gurski, 2015; Gurski, 2017; Gurski & Strzykalski, 2018a), um modo de registro da pesquisa psicanalítica realizada no campo social, cunhada nos trabalhos do NUPPEC.

No dia em que participei, uma jovem levou recortes do documentário *Nunca me sonharam*, do diretor Cacau Rhoden, realizado em 2017. O documentário aborda o tema da adolescência nas escolas públicas do Brasil, o diretor encontrou com jovens e educadores de diferentes escolas públicas de ensino médio do país e conversou sobre seus sonhos e projetos para o futuro⁷ (Gurski, 2019a). O título do filme é a fala de um dos adolescentes: *acho que nunca me sonharam. Nunca me sonharam psicólogo, nunca me sonharam sendo um professor, um médico. Eles [família] não sonhavam e não me ensinaram a sonhar*, essa fala foi justamente uma das escolhas da jovem para compartilhar com seus colegas de grupo.

As cenas escolhidas pela jovem renderam uma bela discussão sobre a impossibilidade de sonhar: *A. disse que sonhar é para os normais, que ele era guri de CAPSi, se refere como guri “dodói da cuca”*, esse fragmento estava entre os rabiscos do caderno. A partir da leitura dos antigos registros, compreendi que meu encontro com a temática dos sonhos, no percurso de mestrado, não foi tão casual. Havia, em um momento anterior de meu trajeto acadêmico, a presença de um interesse sobre a temática – questão fundamental para a sustentação de uma pesquisa psicanalítica. Esses achados nos levaram a pensar o quanto esse reencontro se aproxima a uma estrutura de sonho que, a partir do material recalcado nos apresenta cenas do desejo. O tecido onírico se faz presente nas nuances das nossas vidas e pode se manifestar a partir de um despertar também de fragmentos de vivências recalcadas para a construção de uma produção acadêmica.

O dispositivo de escuta das Rodas de Sonhos foi cunhado no âmbito de uma sequência de estudos do NUPPEC – Eixo 3 que buscam construir modos em que a escuta psicanalítica possa estar presente em outros espaços, fora da clínica. Também importa registrar que o Grupo de Pesquisa tem se dedicado à construção e consolidação de metodologias de investigação e intervenção a partir do encontro entre a escuta psicanalítica e os estudos de Walter Benjamin; dentre alguns destes dispositivos, citamos o ensaio-flânerie, a escuta-flânerie e os diferentes tipos de Rodas: Rodas de Conversa, Rodas de Escrita Rodas de R.A.P e, agora, as Rodas de Sonhos (Gurski, 2021a). Deste modo, cabe salientar que a presente dissertação é o primeiro trabalho que

⁷ Para outros detalhes do documentário ver Gurski, R. (2019). Educa-me ou te mato! Estilos da Clínica, 2019, V. 24, nº 1, p. 62-70

nasce do projeto que propõe e consolida a intervenção das Rodas de Sonhos como o mais novo dispositivo de pesquisa construído pelo NUPPEC – Eixo 3.

Podemos dizer que as Rodas de Sonhos nascem do encontro do tema do sonho com as problematizações da adolescência em situação de violência e vulnerabilidade social. Com este dispositivo, buscamos abrir condições de fala que incluam o tema dos sonhos com mais ênfase partindo da escuta da vida onírica dos meninos em diálogo com questões do laço social. Entendemos, a partir da Psicanálise, que os sonhos são formações do inconsciente (Freud, 1900/2019) que nos apresentam a dimensão da singularidade do desejo dos sujeitos e a perspectiva coletiva do sonho, enlaçando as enunciações singulares presentes no sonhar coletivo às pautas da cultura e aos discursos compartilhados.

Nesse sentido, a partir do primeiro tempo dessa experiência, tivemos a intenção de escutar as narrativas dos sonhos noturnos e as perspectivas de futuro dos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas de privação de liberdade; na sequência, buscamos refletir sobre os efeitos de propor a circulação do tema dos sonhos no formato de Roda com os jovens. Desse modo, fomos dando corpo a esta dissertação de mestrado a partir da flutuação pela escuta, pelos textos teóricos, pela leitura dos diários, pelas orientações metodológicas – atenção flutuante na escuta dos jovens e incentivo à associação livre –, junto às ricas discussões com o Grupo de Pesquisa orientadas pela coordenação. Assim, relato abaixo algumas cenas⁸ que entendi como o ponto de partida para esta construção:

“Sonhei que eu morri, que deu uma guerra na zona e os carniça [policiais] me pegaram e me deram tanta porrada que eu morri. O cara que vive no crime sonha com isso e acorda assustado, foi como se eu tivesse morrido mesmo. (Pedro, 17 anos).

Dona, lembra que eu falei que não sonhava? Sonhei esses dias e queria contar, que bom que vocês vieram aqui. (Bruno, 16 anos).

O cara não dorme na rua, quem dirá sonhar. (Ismael, 15 anos).”

Os recortes expostos nos mostram algumas nuances em que o sonho e o sonhar foram apresentados durante as Rodas, os sonhos com a temática da morte são constantes e o matar e morrer se estabelecem como pano de fundo dos encontros nos diferentes

⁸ As cenas utilizadas nesta dissertação foram retiradas dos diários de experiência das pesquisadoras que realizaram as Rodas de Sonhos. Os nomes dos participantes são fictícios.

espaços institucionais que percorremos. Ainda assim, a temática do sonho ganhou um importante protagonismo durante a intervenção, o que nos leva a pensar sobre a abertura que as Rodas de Sonhos indicam a partir da escuta das narrativas oníricas e da possibilidade do endereçamento do sofrimento psíquico.

Diante da leitura e discussão dos diários de experiência, surgiu como uma das questões da pesquisa a problematização da dimensão sociopolítica do sofrimento nos sonhos dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa. O conceito da dimensão sociopolítica do sofrimento, cunhado por Miriam Debieux Rosa (2016), é entendido como os efeitos na forma de sofrimento psíquico decorrentes da experiência de exclusão social e apagamento simbólico que algumas categorias de sujeitos sofrem a partir dos discursos hegemônicos e criminalizantes promovidos pelo Estado e legitimados por uma parte da sociedade (Rosa, 2016).

Nesse diapasão, a partir da problematização central de pesquisa, juntamente com a experiência com as Rodas, se desdobra outra questão: quer efeitos subjetivos podem advir da intervenção das Rodas de Sonhos com os adolescentes da Socioeducação?

Frente a tantos questionamentos que surgiram durante a realização das Rodas e em um segundo tempo, com a leitura dos diários de experiência, refletimos sobre a complexidade de escutar os sonhos em uma dimensão de compartilhamento. O não retorno às Rodas no ano de 2020 produziu efeitos na pesquisa. Além da pandemia mundial do COVID-19, a impossibilidade de retornar à instituição no formato remoto representou uma nova perda para os jovens. Frente a tantas impossibilidades, foi inevitável refletir sobre a repercussão dessa ausência do espaço de circulação da palavra e de sonhos no cotidiano dos meninos, associar essa impossibilidade a um novo modo de silenciamento e marginalização dessa população, sendo esse um importante ponto para pensarmos nosso dispositivo, onde estão localizados os jovens da Socioeducação no sonho da nação (Gurski, 2019a)?

No primeiro tempo desta dissertação, refletimos sobre a escuta psicanalítica dos sonhos de modo a pensar as nuances sociopolíticas intrínsecas quando se trata de escutar os sonhos de meninos que estão em situação de privação de liberdade: afinal para que serve escutar os sonhos de jovens que estão à margem da sociedade? Freud, em suas Conferências Introdutórias à Psicanálise, nos anos de 1916/1917, alertou que

ocupar-se dos sonhos, além de pouco prático, é verdadeiramente ignominioso (p. 111), ou seja, o estudo sobre os sonhos, desde Freud, atraiu o ódio ao que não é do campo da ciência tradicional, ao que não pode ser pragmatizado e ao que se refere à singularidade do sujeito.

Nesse mesmo sentido, o neurocientista Sidarta Ribeiro, autor do livro “O Oráculo da noite, a história e a ciência do sonho” (2019), nos apresenta a história dos estudos oníricos, mostrando que os sonhos estão presentes como questão desde o início da civilização. Desde as culturas da Antiguidade, os sonhos eram registrados nas paredes dos templos, em pedras, em cascos de tartarugas, entre outras formas, era o modo de demonstrar a inquietação que gerava nos sujeitos da época. Os sonhos também eram escutados na Grécia antiga, tinham grande importância e situavam-se no cerne da medicina e da política. Partindo da relevância do material onírico para a história da humanidade, Ribeiro (2019) apresenta, durante sua escrita, a tessitura entre as diferentes nuances dos sonhos, através do entendimento da Psicanálise, Antropologia, Arqueologia e da História, o que mostra o quanto o sonho é um fenômeno de interesse e estudo de diferentes saberes.

Ainda nessa direção, o autor sustenta que o ato de narrar os sonhos em roda era um costume das antigas civilizações, os sujeitos tinham um momento em que se encontravam para compartilhar seus sonhos noturnos. Tal prática foi abandonada tendo em vista o crescimento exponencial da tecnologia, da ciência tradicional e do capitalismo, o sonho foi perdendo o espaço em função da lógica de financeirização da vida e da extrema produtividade. Nesse diapasão, podemos entender que o capitalismo vem prejudicando o sonhar coletivo (Krenak e Ribeiro, 2020), ou seja, os sonhos estão cada vez mais se apresentando como uma produção individualizante.

Inclusive as premissas freudianas em relação às funções do sonho foram ignoradas ao longo de quase todo o século passado pelos neurocientistas que buscavam hipóteses neurobiológicas acerca da atividade psíquica durante o sono, porém a Psicanálise já se debruçava sobre essa temática desde antes de 1900. Nesse sentido, é interessante somente citar que no ano de 1989 foram evidenciadas as primeiras identificações dos correlatos eletrofisiológicos dos restos diurnos, o que fez com que se retomasse a teoria freudiana ao debate científico (Ribeiro, 2019).

Freud (1900/2019), através do trabalho com os sonhos, inaugurou a Psicanálise mostrando o valor do material onírico e sua potência polissêmica, especialmente pelo acesso régio à dimensão da Outra cena⁹, e todos registros caídos em recalque que emergem. Quando o analista escuta tal narrativa, vale-se precisamente daquilo que o sujeito registra através do que conta, independentemente do que possa ter esquecido ou modificado em sua memória. O interessante foi perceber que, na medida em que trabalhávamos com os sonhos dos jovens da Socioeducação, abria-se também todo um léxico acerca do lugar no laço social que eles ocupam.

Em relação às possíveis aberturas que a narrativa onírica oferece, Krenak e Ribeiro (2020) falam sobre a função própria do sonho na direção do novo, entendem que o sonho é como a possibilidade de edificar uma sociedade mais igualitária e menos predatória. Os sonhos, como fenômeno de interesse desde as culturas mais antigas, carregavam a ideia de previsão de futuro; Ribeiro (2020) explica que no sonho acontece o processo de retratar memórias do passado, o que guarda a possibilidade de gerar perspectivas de futuro na forma de ações, acontecimentos ou mesmo formulação de novos desejos. Haja vista que o sonho move os afetos do sujeito, que, por vezes, tem a oportunidade de deparar-se com algo novo a partir de sua produção onírica.

Frente a essa perda de espaço do sonho e do sonhar, buscamos trabalhar a contrapelo dessa lógica, criando condições para que os sonhos sejam compartilhados em Rodas pelos jovens e também que possam apontar para a função restauradora do sonhar (Ab'Saber, 2005), da potência criativa e da imaginação que há nos sujeitos como uma forma de enunciação de aspectos singulares em consonância com nuances sociais e históricas. Acreditamos que a polissemia dos sonhos noturnos pode apresentar reflexões e indagações em relação a aspectos da vida diurna dos sujeitos (Gurski & Perrone, 2021a).

Desse modo, buscamos, com a presente pesquisa, fazer algumas reflexões acerca dos sonhos compartilhados durante as Rodas de Sonhos realizadas com os jovens da Socioeducação, com a intenção de trabalhar as manifestações da dimensão sociopolítica do sofrimento presentes nas narrativas oníricas. Neste sentido, a partir da

⁹ Outra cena é o estofo das palavras que estranham o próprio falante. “A ‘Outra cena’ que na pluma de Freud é o inconsciente, cena fundante, mas irrecuperável como lembrança, e que, portanto, deve ser (re)construída (Rivera, 2006, p. 72).

questão inicial e norteadora, tensionamos a posição no laço social que os jovens ocupam, afinal, quem sonha os jovens negros, periféricos, em situações vulneráveis?

2. NOTAS SOBRE A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DAS RODAS DE SONHOS: A ESCUTA DE SONHOS EM MEIO ÀS GRADES

O Grupo de Pesquisa, há alguns anos, busca trabalhar de modo a ampliar o espaço da pesquisa psicanalítica no campo social. Temos nos dedicado a refletir sobre as tonalidades metodológicas envolvidas nas pesquisas em Psicanálise que trabalham com a escuta de adolescentes que vivem em contextos de vulnerabilidade social e violência (Gurski & Strzykalski, 2018a; Gurski & Strzykalski, 2018b). Construímos alguns dispositivos clínicos e de pesquisa como uma tentativa de articular as premissas da ética da Psicanálise às políticas públicas através da escuta dos sujeitos além da clínica privada (Gurski, 2021a). Assim, em relação à construção metodológica desta dissertação, é importante registrar a trajetória do Grupo de Pesquisa, onde buscamos produzir outros modos de escuta psicanalítica no campo social.

Essa trajetória iniciou diante de interrogações acerca da criminalização dos atos juvenis, principalmente no que se refere a adolescentes em situação de vulnerabilidade social (Gurski, 2017). Além dessas questões, também nos inquietávamos com as estatísticas dos jovens que cumpriam medidas socioeducativas, jovens majoritariamente negros, pobres e residentes das periferias brasileiras (Gurski, 2017; Gurski, 2021a; Gurski & Strzykalski, 2018a). Assim, em meio a esse contexto, o Grupo de Pesquisa construiu parcerias com instituições de saúde e educação da esfera pública, enlaçando intervenções a partir de demandas comunitárias (Gurski, 2017; Gurski, 2019a).

Nesse diapasão, desde 2014, o NUPPEC — Eixo 3 passou a trabalhar no âmbito da Socioeducação, sustentando a premissa de que as pesquisas têm, fundamentalmente, uma função ético-política, uma forma de articular a produção acadêmica com as demandas sociais contemporâneas e de aprofundar os estudos sobre a dimensão sociopolítica do sofrimento (Gurski, 2019c; Gurski & Perrone, 2020). O Grupo de Pesquisa vem construindo uma parceria de trabalho com a FASE/RS, onde já foram realizados alguns Projetos¹⁰ com o objetivo de abrir espaços nos quais a circulação da palavra possa construir condições de simbolização para adolescentes que encontram poucos caminhos de representação de si no laço social e que se encontram angustiados pela privação de liberdade.

¹⁰ Os jovens, a violência e o laço social; Rodas de R.A.P; Escuta-flânerie; Rodas de Sonhos.

Nos inserimos na Instituição socioeducativa através das Rodas de Livre Circulação da Palavra (Gurski, 2017). Inspiradas na associação livre (Freud, 1914/2010), essa intervenção propunha um espaço sem temáticas pré-estabelecidas, de forma que fosse possível escutar questões dos meninos para além dos atos infracionais praticados. Tal intervenção marcou uma importante repercussão e adesão dos jovens; inspiradas nesse primeiro encontro, criamos diferentes dispositivos de Rodas como espaços de escuta. Além da intervenção inicial na Instituição, também ocorreram as Rodas de R.A.P.¹¹ (Gurski; Strzykalski, 2018a, 2018b; Strzykalski, 2019), as Rodas de Escrita¹² (Heissler; Gurski, 2020) e, por fim, as Rodas de Sonhos.

Foi em 2015, a partir do grande interesse dos jovens pelo RAP, que foi construído o projeto de pesquisa *Ritmos, Adolescência e Poesia (R.A.P): dos “muros” à musicalidade na Socioeducação*. As Rodas de R.A.P. configuram-se como um dispositivo de escuta baseado na livre circulação da palavra em conjugação com narrativas musicais. As pesquisadoras problematizavam e articulavam as produções advindas do encontro das narrativas musicais e os mais variados aspectos das vidas dos adolescentes (Gurski & Strzykalski, 2018c).

Ao longo das Rodas de R.A.P., o tema do sonho era recorrente. Ao nos remetermos aos diários de experiência das bolsistas, encontramos repetidas falas sobre o sonho e o sonhar. Essa repetição levou o Grupo de Pesquisa a pensar na relevância de construir um outro espaço, com uma metodologia específica, para que tal temática pudesse ser escutada de modo mais incisivo e com a possibilidade de produzir efeitos para os adolescentes e para as reflexões acerca do laço social. *Eu não posso sonhar – ter uma família, uma mulher, uma casa grande... Quem sonha demais, não acorda (morre)*, essa passagem foi recolhida dos diários de experiência das bolsistas-pesquisadoras que realizaram as Rodas de R.A.P. Diante desse discurso, e de outros que surgiram, nos

¹¹ Para mais informações sobre as Rodas de R.A.P: Gurski, R; Strzykalski, S. (2018a). A escuta psicanalítica de adolescentes em conflito com a lei: que ética pode sustentar esta intervenção? Revista Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro, v. 50, p. 72-98.; Gurski, R; Strzykalski, S. (2018b). A Pesquisa em Psicanálise e o “Catador de Restos”: enlaces metodológicos. Revista Ágora: estudos em teoria psicanalítica, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 406-415.; Strzykalski, S. (2019). Adolescente? Eu sou sujeito homem! Reflexões sobre uma experiência de escuta na socioeducação com jovens envolvidos com o tráfico de drogas (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicanálise: clínica e cultura, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹² Para mais informações das Rodas de Escritas: Heissler, S; Gurski, R. (2020). Psicanálise, Vida Loka e Rodas de Escrita com Adolescentes Privados de Liberdade. Psicologia: Ciência e Profissão 2020 v. 40, e216281, 1-14.

perguntamos: o que leva um jovem a afirmar que lhe é proibido sonhar? Por que importa escutar os sonhos dos adolescentes da Socioeducação?

A temática dos sonhos como dispositivo de intervenção clínico-política surgiu no NUPPEC – Eixo 3 através de três tempos: primeiro através das Rodas de Sonhos com os jovens da Socioeducação, em um segundo tempo quando foi cunhada a expressão oniropolítica¹³ (Gurski & Perrone, 2021b; Dunker, 2019) e, por fim, após a chegada do COVID-19, com a pesquisa Sonhos em Tempos de Pandemia (Gurski & Perrone 2021a).

Nesses trabalhos, partimos da compreensão de que para que um sujeito assuma a posição de sonhador é preciso que ele tenha sido sonhado por um Outro¹⁴, um Outro que o antecede e o situa desde um lugar simbólico (Gurski & Perrone, 2019b); a atividade onírica auxilia o sujeito a realizar um certo deciframento do enigma de quem o sonhou (Gurski, 2019a). Com os dispositivos das Rodas de Sonhos, apostamos que escutar a vida onírica dos jovens que cumprem medida socioeducativa em privação de liberdade seja oferecer um espaço para que eles possam construir um suposto saber com seus sonhos, apostando em um futuro a partir dos seus desejos. Frente ao crescimento exponencial de mortes da população de jovens negros no Brasil, é evidente o desejo de morte desses sujeitos por uma parcela da sociedade. Deste modo, temos pensado sobre o Outro que deseja a morte, o extermínio e que os localiza como dejetos da sociedade.

Sendo assim, pensamos que a produção onírica implica uma importante abertura do campo psicanalítico de pesquisa, abrindo espaço para retomarmos um valioso fundamento da Psicanálise – o sonho –, e ainda nos auxilia a pensar os aspectos do sujeito em sua interlocução entre o individual e o social, o singular e o coletivo. Acompanhando os estudos sobre oniropolítica (Gurski e Perrone, 2021a e 2021b; Dunker, 2019), pensamos o sonho como uma possibilidade de fazer furo no discurso pronto e racionalizado que o laço social contemporâneo designa para aqueles jovens que

¹³ A oniropolítica em construção será melhor apresentada no capítulo 3.3 O trabalho coletivo com os sonhos individuais: interlocuções entre a Psicanálise e a política.

¹⁴ Lacan trabalhou a partir de diferentes desdobramentos sobre a noção de Outro (A). Uma das vertentes se refere ao (grande) Outro como lugar do tesouro dos significantes. Lacan trabalhou com duas instâncias a fim de diferenciar as diferentes dimensões: o Outro e o pequeno outro, que é o semelhante, aquele com quem mantemos uma relação de identificação através da especularidade imaginária (Lacan, 1954-55/2010). Assim, o Outro também pode ser pensado no âmbito dos discursos que existem além de nós mesmos e que nos constituem como seres de linguagem.

escutamos. Bruno fala sobre isso em uma roda: *Ninguém quer bandido vivo, ninguém se importa com a gente. Sonhar com o que, dona?*

5.4 Por uma política dos sonhos na Socioeducação: o porvir dos sonhos

“Haverá uma ética ou uma política do sonho que não cede ao imaginário e que, portanto, não seja de renúncia, irresponsável e evasiva?”

(Jacques Derrida, “Discurso de Frankfurt”, 2002)

Em vias de concluir esta dissertação, sublinhamos que nossa intenção, desde o início, foi escutar a vida onírica dos adolescentes que estão em cumprimento de medida socioeducativa, alicerçadas nos fundamentos psicanalíticos e na ética que nos atravessa. Partimos de uma escuta que não se antecipa à experiência dos sujeitos que escutamos. Desse modo, alimentamos as construções teóricas junto à experiência para lapidar o dispositivo ético-político das Rodas de Sonhos.

A primeira experiência com as Rodas de Sonhos nos deu subsídios para pensarmos os possíveis efeitos a partir dos encontros. Desse modo, não temos a pretensão de pragmatizar, tampouco estabelecer um “protocolo” em relação à experiência das Rodas. Nosso desejo foi percorrer pela via da escuta dos jovens, e no tempo do *a posteriori*, através dos diários de experiência, e construir uma dissertação com a intenção de abrir discussões sobre o campo dos sonhos no contexto da Socioeducação brasileira. Traçamos o caminho da construção de um dispositivo que, pela via do sonho, possa estimular a abertura de novos sentidos nas vidas desses jovens que vivem a constante enunciação do matar ou morrer, seja na vida de vigília, seja na vida onírica. Ao propormos esse deslizamento de sentidos, suscitamos novos encontros para a vida desses sujeitos que narram a si mesmos.

Além disso, entendemos que a narrativa onírica e suas associações sejam um modo de resistência aos discursos criminalizantes e patologizantes que fazem parte do cotidiano desses jovens, e pensamos que compartilhar os sonhos seja uma possibilidade para que o sujeito construa uma análise crítica frente às imagens suscitadas nos sonhos que produzem.

REFERÊNCIAS

Ab'Saber, T.A.M. (2005). **O sonhar restaurado: Forma do sonhar em Bion, Winnicott e Freud**. São Paulo: Editora 34.

Alberti, S. (2009). **Esse sujeito adolescente**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos/ Contra Capa.

Andrews, G. R. (1998). **Negros e brancos em São Paulo (1888 - 1988)**. Baurú: Edusc.

Arendt, H. (1987). **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras.

Barbosa, R. R. M. (2012). **Resenha do livro “Dimensões do despertar na psicanálise e na cultura”**. *Estudos de Psicanálise*, (37), 165-168.

Benjamin, W. (1935). **Carta a Gretel Adorno em 16 de agosto de 1935**. Briefe, op. Cit., p. 686-687.

Benjamin, W. (2006). **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Benjamin, W. (2012). **Experiência e pobreza**. In Benjamin, W. *Magia, técnica, arte e política*. (Obras escolhidas I). São Paulo: Brasiliense. (Original publicado em 1933).

Benjamin, W. (2012). **O narrador**. In Benjamin, W. [Autor], *Magia, técnica, arte e política*. (Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense. (Original publicado em 1936)

Bento, M. A. (2002). **Branqueamento e Branquitude no Brasil**. In: Racismo Institucional – fórum de debates – educação e saúde. Minas Gerais

Beradt, C. (1907-1986/2017). **Sonhos no Terceiro Reich com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler**. Tradução Silvia Bittencourt. São Paulo: Três Estrelas.

Borges, J. **O que é encarceramento em massa?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

Brandão, F.R; G.L. Budel. (2012). **Socioeducação: Adolescentes em conflito com a lei**. Paraná: Tribunal de Justiça do Estado do Paraná.

Bretas, A. (2008) **A Constelação dos Sonhos em Walter Benjamin**. São Paulo: Humanitas.

Broide, J; Broide, E. (2015). **A psicanálise em situações sociais críticas: metodologia clínica e intervenções**. São Paulo: Escuta.

Broide, J. (2019). *Prefácio*. In: **As Clínicas Públicas de Freud Psicanálise e Justiça Social 1918-1938**. São Paulo: Perspectiva.

Butler, J. (2015). **Relatar a si mesmo Crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica.

Butler, J. (2021). **A força da não violência: um vínculo ético-político**. São Paulo: Boitempo.

Capitã, L.D; Gurski, R (2009). **Incentivo às medidas socioeducativas de meio aberto no Rio Grande do Sul: uma experiência intersetorial**. Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade, 1 (1): 102-122, 2009

Caruth, C. (1996/2000). **Modalidades do despertar traumático (Freud, Lacan e a ética da memória)**. In: *Catástrofe e Representação: Ensaio*. São Paulo: Escuta.

Castanho, P (2013). **Dispositivos grupais utilizado por René Kaës: Apontamentos para o estudo de sua arqueologia e gênese**. Vínculo – Revista do NESME, 2013, v.10, n.2, pp. 14-25

Caon, J. L. (1994) **O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica de pesquisa**. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 7, n. 2, p. 145-174.

Caon, J. L. (1997). **Serendipidade e situação psicanalítica de pesquisa no contexto da apresentação psicanalítica de pacientes**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 10(1), 105-123.

Censo 2010: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=1&idnoticia=2507&t=ibge-mapeia-distribuicao-populacao-preta->

parda&view=noticia#:~:text=Segundo%20o%20Censo%202010%2C%2043,%2C%20c
om%2016%2C5%25.

Cerqueira, D. Bueno, S. (Coord.). (2021) **Atlas da violência 2021**. Brasília: Ipea; FBSP, agosto 2020.

Checchia, M. (2020). **Origens Psíquicas da Autoridade e do Autoritarismo**. Belo Horizonte: Editora Dialética.

Creswell, J. W. (2010) **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed.

Danto, E. (2005/2019). **As Clínicas Públicas de Freud Psicanálise e Justiça Social 1918-1938**. São Paulo: Perspectiva.

Derrida, J. (2002) **“Discurso de Frankfurt”**. Le Monde Diplomatique, edição brasileira, ano 3, n. 24, jan. Tradução: Iraci Poleti. Disponível em: <http://diplo.uol.com.br/2002-01,a204>>. Acesso em 06/09/2020.

Dunker, C.I.L. (2017) **O sonho como ficção e o despertar do pesadelo**. In: Sonhos no terceiro Reich: com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler. São Paulo: Três Estrelas.

Dunker, C. (2019). **Oniropolítica: alegorias da violência no Brasil contemporâneo**. Blog da Boitempo. <https://blogdaboitempo.com.br/2019/10/07/oniropolitica-alegorias-da-violencia-no-brasil-contemporaneo/>

Dunker, C. (2021). **Freud explica Bolsonaro na pandemia com conceito de pulsão de morte**. In: Folha de São Paulo publicado em 20/03/2021. Acesso disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/03/freud-explica-bolsonaro-na-pandemia-com-conceito-de-pulsao-de-morte.shtml?origin=folha>

Dunker, C., Gurski, R., Perrone, C., Debieux, M. (2019) **O sonho e o despertar em Freud e Benjamin: a oniropolítica em construção**. In: O sonho e o despertar em Freud e Benjamin: a oniropolítica em construção [evento], São Paulo, IPUSP, 2019. https://www.youtube.com/watch?v=U008WG_XHrI

Dunker, C., Gurski, R., Perrone, C., Debieux, M. & Ianinni, G. (2020). **Sonhos em tempos de pandemia**. Projeto de Pesquisa UFRGS-USP-UFMG.

Dunker, C; Gaião, A; Brose, E; Queiroz, J.P; Davi, P; Moura, P.C; Bazzo, R; Gonsalves, R; e Ravanello, T. (2021). **“Políticos”**: **Sonhos como *apresentação perspectiva na pandemia***. In: *Sonhos Confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. São Paulo: Autêntica.

Elia, L. (2000) **Psicanálise: clínica e pesquisa**. In: Alberti, Sonia; Elia, L. *Clínica e pesquisa em psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.

Fanon, F. (1952/2020). **Peles negras, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora.

Fasolo, L.B. Gurski, R. (2018). **Algumas notas sobre um trabalho de escuta e experiência em Rodas de Conversa com professores no contexto da inclusão: da “Rua de mãos únicas” às “Passagens”**. *Estilos clin.*, São Paulo, v. 23, n. 2, maio/ago. 2018, 406-429.

Freitas, J. (2014). **As imagens de Sonhos da Paris do século XIX e a necessidade do despertar, segundo Walter Benjamin no Projeto das Passagens**. *Revista de Filosofia*. Fortaleza, CE, v. 11, n. 21, p. 373 – 399.

Freud, S. (1990). **Projeto para uma psicologia científica**. In: Freud, S. *Obras Completas*, vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1990. (Trabalho original publicado em 1895).

Freud, S. (2019). **A interpretação dos sonhos**. *Obras completas volume 4*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900).

Freud, S. (2015). **O poeta e o fantasiar**. In: FREUD, Sigmund. *Arte, Literatura e os Artistas*. *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. (Trabalho original publicado em 1908).

Freud, S. (2010). **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros**. *Obras completas volume 10*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911/1913).

Freud, S. (2010). **A dinâmica da transferência**. In Freud, S. [Autor], *Obras completas*, v. 10. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912).

Freud, S. (2014). **Conferências Introdutórias à Psicanálise**. *Obras completas volume 13*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916/1917).

Freud, S (2010). **Caminhos da terapia psicanalítica**. In Freud, S. [Autor], Obras completas, v. 14. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919).

Freud, S (2010). **História de uma neurose infantil (“Homem dos lobos”), Além do Princípio do Prazer e outros textos**. Obras completas volume 14. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917-1920).

Freud, S. (2011). **Psicologia das massas e análise do Eu**. Obras completas volume 15. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920-1923).

Freud, S. (1976). **Prefácio à juventude desorientada de Aichhorn**. In: Freud, S. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).

Freud, S. (2011). **O futuro de uma ilusão**. Porto Alegre: P&PM. (Trabalho original publicado em 1927).

Freud, S. (2010). **Novas conferências introdutórias à Psicanálise**. In: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. Obras completas volume 18. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).

Freud, S. (2010). **Por que a guerra? (Carta a Einstein, 1932)**. In: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. Obras completas volume 18. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1932).

Freud, S; Fliess, W. (1986) **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhem Fliess (1887-1904)**. Rio de Janeiro: Imago Ed.

Freud, S. (2004). **Diário de Sigmund Freud: 1929-1939. Crônicas Breves**. Porto Alegre: Artmed.

Freyre, G. (1988). **Casa-Grande e Senzala**. São Paulo: Círculo do Livro, 1933.

Furtado, M. & Trocoli, F. (2010). **O despertar da primavera: pelos desfiladeiros da sexualidade**. Revista Graphos, 12(1), 91-102.

Guimarães, A.S.A (1999). **Raça e os estudos de relações raciais no Brasil**. Novos Estudos CEBRAP, n.54, pp. 147-156.

Gurski, R. (2010). **Algumas observações sobre a clínica da infância**. Correio da APPOA. Porto Alegre.

Gurski, R. (2012). **Três ensaios sobre juventude e violência**. São Paulo: Escuta.

Gurski, R. (2017). **A escuta de jovens “infratores”, o RAP e o poeatar: deslizamentos da vida nua à “vida loka”**. Revista Subjetividades, n. 17, p. 45-56.

Gurski, R. (2018). Palestra realizado para o Fórum Socioeducativo de Belo Horizonte intitulada: **Qual o futuro para a socioeducação?**

Gurski, R. (2019a). **Educa-me ou te mato!** Estilos da Clínica, 2019, V. 24, nº 1, p. 62-70

Gurski, R. (2019b). A escuta-flânerie como efeito do encontro entre psicanálise e socioeducação. In: Gurski, R. & Pereira, M. (Orgs.). **Quando a Psicanálise escuta a Socioeducação**. Belo Horizonte: Editora Fino Traço.

Gurski, R. (2019c) **A escuta-flânerie como efeito ético-metodológico do encontro entre Psicanálise e Socioeducação**. TEMPO PSICANALÍTICO, v. 51, n. 2, p. 166-194.

Gurski, R. (2021a). **Rodas de Sonhos na Socioeducação: Saúde Mental e Oniropolítica em tempos de (pós) pandemia- Proposta de Bolsa de Pós-doutorado Sênior/PDS junto ao CNPq**

Gurski, R. (2021b). **Sonhos e pandemia: o que andamos sonhando em tempos de distanciamento social?** In: Palestra - Mesa 2: Sonhos, pesquisa e reflexões: como a pandemia nos afeta? XV Congresso Gaúcho de Psiquiatria que ocorreu nos dias 13 a 16 de Outubro de 2021.

Gurski, R (2021c). **Morte e vida na pandemia: o sujeito, o laço social e o pas-de-sens no Real do sonho**. In: IV Encontro Internacional do GT ANPEPP Psicanálise, Subjetivação e Cultura Contemporânea: Pandemia e Pulsão de Morte. Realizado em 04/11/2021, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4Jb-CHKAfdk>

Gurski, R. & Pereira, M, R. (2016). **A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea.** Psicologia da USP, volume 27, número 3.

Gurski, R. & Perrone, C. (2019a). **Rodas de Sonhos com adolescentes em situação de vulnerabilidade social.** Projeto de Pesquisa. UFRGS.

Gurski, R. & Perrone, C. (2019b). **Psicanálise, Benjamin, sonhos e política – a onipolítica em construção.** In: Congresso Internacional da APPOA e Instituto APPOA “Psicanálise e o espírito de nosso tempo” [apresentação de trabalho]. Porto Alegre/RS.

Gurski, R. & Perrone, C. M. (2020). **Clínica do trabalho flânerie.** In: Rosana de Souza Coelho. (Org.). Psicanálise e Trabalho: aspectos subjetivos, sócio-históricos e políticos. 1ed.Porto Alegre: Memorial da Justiça do Trabalho no Rio Grande do Sul, 2020, v. p. 69-80.

Gurski, R. Perrone, C. M. (2021). **“Constelação”: Sonhos, psicanálise e política em tempos de pandemia.** In: Dunker, C; Perrone, C; Iannini, G; Rosa, M. D; Gurski, R. Sonhos Confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia. São Paulo: autêntica.

Gurski, R & Perrone (2021b). **Onipolítica. In:** Seminário Avançado - Psicanálise, Flânerie, Sonhos e Teoria Crítica: a Onipolítica em Construção. Promovido por: Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica – USP e Programa de Pós-graduação em Psicanálise: clínica e cultura – UFRGS.

Gurski, R & Perrone (2021c). **A Psicologia das Massas Freudiana e as atuais massas digitais: o totalitarismo, distopia e sonhos.** In: 100 anos Psicologia das Massas: atualizações e reflexões. Moreira, J.O; Silva, A.C.D. (organizadoras) – Curitiba : CRV, 2021. 262 p.

Gurski, R & Perrone (2021d). **O Jovem ‘Sem Qualidades’ e o Desejo de Fascismo: enlances entre psicanálise, educação e política.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 46, n. 1;

Gurski, R; Perrone, C; Strzykalski, S. (2021). **Genocídio de jovens negros e a violência (im) pertinente no Brasil contemporâneo: o fantasma da colonialidade e a produção do desejo de fascismo atual.** In: Violência e Psicanálise: atualizações

intersaberes. Org; Rosa, M.D; Moreira, J. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Gurski, R. & Rosa, M. (2020). **Adolescência, psicanálise e política**. Apresentação do Dossiê: “Adolescência, psicanálise e política: modos de resistir, modos de sobreviver. *Estilos Da Clinica*, 25(1), 1-4.

Gurski, R; Strzykalski, S. (2018a). **A escuta psicanalítica de adolescentes em conflito com a lei: que ética pode sustentar esta intervenção?** Revista Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro, v. 50, p. 72-98.

Gurski, R; Strzykalski, S. (2018b). **A Pesquisa em Psicanálise e o “Catador de Restos”**: enlances metodológicos. Revista Ágora: estudos em teoria psicanalítica, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 406-415.

Gurski, R; Strzykalski, S. (2018c). **A 'Invencionática' na pesquisa em psicanálise com adolescentes em contextos de violência e vulnerabilidade: narrando uma trajetória de pesquisa**. In: Tarouquella, K; Conte, S; Drieu, D. (Orgs.). Proteção à infância e à adolescência: intervenções clínicas, educativas e socioculturais. Brasília, DF: Cátedra Unesco de Juventude, Educação e Sociedade, p. 127-139.

Gurski, R; Strzykalski, S; Perrone, C. (2020). **O despertar da adolescência, o suicídio juvenil e as atuais políticas de morte: questões para o campo da educação**. Revista Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro, v.52.2, p. 357-383.

Hasenbalg, C. (1979). **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal.

Heissler, S; Gurski, R. (2020). **Psicanálise, Vida Loka e Rodas de Escrita com Adolescentes Privados de Liberdade**. Psicologia: Ciência e Profissão 2020 v. 40, e216281, 1-14.

Iribarry, I.N. (2003) **O que é pesquisa psicanalítica?** Revista Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, v. 6, n. 1, p. 115-138.

Jorge, M.A.C. (2005). **As quatro dimensões do despertar: sonho, fantasia, delírio, ilusão**. Ágora (Rio de Janeiro) v. VIII n. 2 jul/dez 2005 275-289.

Käes, R. (2004). **A Polifonia do sonho**. São Paulo, Ideias e Letras.

Kon, N.M; Silva, M.L; Abud, C.C. (2017). **O racismo negro no Brasil: questões para a psicanálise**. São Paulo: Perspectiva.

Koretzky, C (2021). **Despertar** - Aula 13. In: Seminário SONHOS – EM TEMPOS DE INCERTEZA E NA CLÍNICA CONTEMPORÂNEA [Sonhos em tempos de Pandemia]. Promovido pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais em setembro de 2021.

Krenak, A. & Ribeiro, S. (2020). **Sonhos para adiar o fim do mundo**. Youtube, maio 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=95tOtpk4Bnw>. Acesso em: 11/08/2021.

Lacadée, P. (2011). **O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

Lacan, J. “**A Terceira**”, *Opção Lacaniana*, n° 62, dezembro-2011, p. 25. (Trabalho original publicado em 1974)

Lacan, J. (1998). **A direção do tratamento e os princípios de seu poder**. In Lacan, J. [Autor], *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958).

Lacan, J. (2010). **O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1954-55).

Lacan, J. (1999). **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1957-58).

Lacan, J. (1992). **O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960).

Lacan, J. (2008). **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964-1985)

Lacan, J. (1992). **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)

Lacan, J. (1998). **Função e Campo da Palavra e da Linguagem em Psicanálise**, in: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 238-324. (Trabalho original publicado em 1953).

- Lacan, J. (1985). **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1973-1974). **Os não-tolos erram / Os nomes do pai**: seminário entre 1973-1974. Porto Alegre, RS: Editora Fi.
- Lacan, J., **O seminário, livro 22, R.S.I.**, (1974-1975), inédito, lição de 11 de fevereiro de 1975.
- Lacan, J. (2007). **O seminário, livro 23: o sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1975-1976)
- Lacan, J. (2003). **Prefácio a O despertar da primavera**. In: Lacan, J. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1974).
- Lacan, J. (2003). **Televisão**. In: Lacan, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1973).
- Levi, P, (1988). **É isso um homem?** Rio de Janeiro: Rocco.
- Lira, G.P,A; Arruda, M.S (2019). **Sonho, Real e Política**. Revista Lapsus Publicação dos Associados do IPB. Edição 021. Disponível em: <https://www.institutopsicanalisebahia.com.br/lapsus/2019/10/21/sonho-real-e-politica/>
- Marcos, C. & D'Alessandro, C. (2013). **Figuras psíquicas do trauma: uma leitura lacaniana**. Revista aSEPHallus, 8(15), s/p. Disponível em: http://www.isepol.com/asephallus/numero_15/artigo_02.html
- Martins, A. S; Rosa, M. D. (2017). **“Guerra verde amarelo”**. Especial para Psicanalistas pela Democracia. Disponível em: <https://psicanalisedemocracia.com.br/2017/02/guerra-verde-amarelo-por-aline-souza-martins-e-miriam-debieux-rosa/>
- Mbembe, A. (2018). **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições.
- Mesquita, P. (1999). **Violência policial no Brasil: abordagens teóricas e práticas de controle**. In: Cidadania, justiça e violência. Organizadores Dulce Pandolfi...[et al]. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, p.130-1487.

Moura, A.F; Lima, M.G. (2014) **A reinvenção da Roda: Roda de Conversa: um instrumento metodológico possível.** Revista Temas em Educação, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan-jun.

Naguera, H. (1969). **Fantasia onírica.** In: Conceitos psicanalíticos básicos da teoria dos sonhos. São Paulo: Cultrix, v. II.

Nascimento, M, L; Coimbra, C. (2008). **A produção de crianças e jovens perigosos: a quem interessa?** In: Direitos Humanos não tem idade CEDECA/São Martinho.

Nascimento, B. (2016). **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** São Paulo: Perspectiva

Organização das Nações Unidas (ONU). (2019). - <https://nacoesunidas.org/unicef-alerta-para-alto-numero-de-homicidios-de-adolescentes-brasil/> acesso em 05/07/2020.

Pereira, M. R. & Gurski, R. (2014). **A adolescência generalizada como efeito do discurso do capitalista e da adulez erodida.** *Psicologia & Sociedade*, 26(2), 376-383.

Perrone, C.; Gurski, R.; Gambetti, Z.; Rosa, M. D. **Os novos fascismos e a onipolítica.** Projeto de pesquisa, UFRGS, 2020.

Pichon-Rivière, E (1980). **El processo grupal.** Del psicoanalisis a la psicologia social (I). Buenos Aires, Nueva Vision. (Publicado originalmente em 1965).

Quinet, A. (1991). **As 4+1 condições da análise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Quinet, A. (2000). **A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Rassial, J. J. (1997). **A passagem adolescente: da família ao laço social.** Porto Alegre: Artes e Ofícios.

Ribeiro, S. (2019) **O Oráculo da Noite a história e a ciência do sonho.** São Paulo, Companhia das Letras.

Rivera, T. (2006). **Cinema e pulsão: sobre “Irreversível”, o trauma e a imagem.** Revista do Departamento de Psicologia da UFF, 18(1), 71-76.

Rosa, M. D. (2004). **A escuta psicanalítica das vidas secas**. In APPOA, Adolescência: um problema de fronteiras (pp. 148- 161). Porto Alegre: APPOA.

Rosa, M. D. (2016). **A Clínica Psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2ª edição.

Rouanet, S. P. (2008) **Édipo e o Anjo itinerários Freudianos em Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: tempo brasileiro.

Roudinesco, E; Plon, M. (1998) **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar.

Safatle, V (2015). **Dos problemas de gênero a uma teoria da despossessão necessária: ética, política e reconhecimento em Judith Butler**. In: Relatar a si mesmo Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica.

Safatle, V (2020a). **Maneiras de transformar mundos Lacan, política e emancipação**. Belo Horizonte: Autêntica.

Safatle, V. (2020b). **Bem-vindo ao Estado suicidário**. São Paulo: n-1 Edições.

Sarlo, B. (2013). **Sete ensaios sobre Walter Benjamin e um lampejo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Schucman, L. V. (2020). **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. São Paulo: Veneta.

Schwarcz, L. (2011). **Gilberto Freyre: Adaptação, mestiçagem, Trópicos e Privacidade em Novo Mundo Nos Trópicos**, *Philia&Filia*, v. 2, n. 2, p. 85-117.

Seligmann-Silva, M. (2008). **Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. Revista Psicologia Clínica. Rio de Janeiro, V.20, N.1, P.65 – 82.

Silva, S, C. (2012). **Socioeducação e juventude: reflexões sobre a educação de adolescentes e jovens para a vida em liberdade**. SERV. SOC. REV., LONDRINA, V. 14, N.2, P. 96-118, JAN./JUN. 2012

Skidmore, T.E (1976). **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Sousa, E; Endo, P. (2012). **Sigmund Freud: ciência, arte e política**. L&PM: Porto Alegre.

Souza, J; Colaboradores (2009). **Ralé Brasileira: Quem é e como vive**. Editora UFMG: Belo Horizonte.

Stevens, A. (2004). **Adolescência, sintoma da puberdade**. Clínica do contemporâneo. Revista Curinga, 20, 27-39.

Strzykalski, S. (2019). **Adolescente? Eu sou sujeito homem! Reflexões sobre uma experiência de escuta na socioeducação com jovens envolvidos com o tráfico de drogas** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicanálise: clínica e cultura, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Strzykalski, S., & Gurski, R. (2020). **Adolescência e lampejos**. Estilos Da Clinica, 25(1), 21-34.

Teixeira, T.S. (2001). **Delírio, fantasia e devaneio: sobre a função da vida imaginativa na teoria psicanalítica**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental , 4 (3), 67-88.

Telles, E. (2003). **Racismo à brasileira**. Rio de Janeiro: Lumará.

Thiong'o, N. (2015). **Sonhos em tempos de guerra: memórias da infância**. São Paulo: Biblioteca Azul. (Publicado originalmente em 1938)

Valenzuela, J. M. (Org.). **Juvenicidio: Ayotzinapa y las Vidas Precarias em América Latina y España**. Barcelona: NED Ediciones, 2015.

Zachello, C; Paul, F; Gurski, R. (2015). **Adolescência e síndrome de down na tela**. Estilos Da Clínica. Revista Sobre a Infância Com Problemas, v. 20, n. 3, p. 459-474.

Zanella, M. N. (2011). **Bases teóricas da socioeducação: análise das práticas de intervenção e metodologias de atendimento do adolescente em situação de conflito com a lei**. Dissertação de Mestrado. Universidade Bandeirante de São Paulo, São Paulo.